



moa siprian●

corinto

m o a s i p r i a n o . c o m

CORINTO

Moa Sipriano

Sou uma mulher correta, linear, dedicada à família. Cumpro todos os passos de uma vida quadrada, operária padrão, sem tropeços ou disparates. Fui boa filha única. Uma garota educada, estudiosa, certinha. Do tipo que vivia ganhando elogios embasbacados e admiração constante de qualquer pessoa que orbitasse meu círculo social.

Mas havia algo destoante em mim. Uma labareda a consumir minhas entranhas, onde um emaranhado de dúvidas e desejos incompreensíveis disfarçado de chispas pecadoras beliscava minha alma ingênua.

Eu nada sabia sobre sexo até conhecer Frotz. Na verdade, meu marido foi meu primeiro e único homem... na totalidade dos sentidos. O que sei em matéria de cama, eu devo a ele. No que diz respeito ao lado físico da situação, eu jamais o traí sexualmente com outra pessoa.

Tenho que reconhecer: Frotz é um esforçado metedor. Pena que é acomodado e nada criativo em nossa bocejante intimidade. Em vinte e dois anos de casados, nunca variamos um milímetro sequer as nossas posturas católicas; ao menos no que deveria ser um Bom Foder de acordo com minhas recatadas fantasias :)

A sequência? Imutável.

Trocamos alguns beijos nada fogosos enquanto ele bolina meus seios num ato mecânico. Em seguida, permaneço estática durante cansativos onze minutos para que uma pegajosa boca distorcida meta a língua viciada na minha gruta.

Se rolar uma bebidinha antes do ato, geralmente após as atribuladas comemorações de uma data importante, acontece de nos atracarmos num desconjuntado, incômodo e dolorido meia-nove.

O grande final? Bom, ele pula sobre mim, enfiando sua bratwurst de qualquer jeito, permanecendo no empurra-empurra até espumar, tirar, enxugar máximo suor e mínima goma-laca, virar para o seu lado esquerdo e encarar um sonho-delírio pesadíssimo.

Ronca. Ronca. Ronca.

Nunca variamos posições, transamos fora do nosso quarto ou “brincamos” durante o dia. Jamais fugimos do desgastado roteiro provinciano.

A única parte da nossa fodaria que eu admito gostar (e até me diverte) é o jeito que Frotz se comporta quando está me perfurando.

Suas expressões faciais variam do histriônico selvagem ao lírico sensível e há certa angústia em seus atos que denotam sua obrigação em cumprir muito bem o decorado papel de bíblico Reprodutor.

Voltando ao papo da labareda destoante: Sempre fui TA-RA-DA por bunda de homem. Nunca me conformei por reprimir durante anos e anos e ânus a vontade de “experimental” um homem... por trás.

Quando estou fora de casa exercendo minha agenda diária de compras e pagamentos, ganho um delicioso torcicolo de tanto revirar o pescoço indiscreto ao apreciar a boa variedade de traseiros tentadores dos loveanos anônimos.

Suspiros.

Entre as quatro paredes do nosso caixote terracota, eu recorro as raras oportunidades em que abusamos da cerveja e acabamos num chupa-chupa frenético numa alta madrugada mofando a melancolia, onde eu tentava – de todas as maneiras! – lambe o saco e avançar minha curiosidade até o buraquinho intocado do meu marido.

Infelizmente, a reação típica era sentir meus cabelos sendo puxados até que minha boca voltasse a engolir o pinto encarniçado, numa atitude reprimida de “aqui você não mexe, mulher!”.

* * *

Setenta e dois por cento de Lovland é coberta por mata nativa.

Bem próximo da minha casa há um parque imenso.

Bonitinho, bem cuidado, convidativo.

Logo na entrada, você dá de cara com diversos quiosques e bancos de madeira espalhados em pontos estratégicos, vigiados por um sem número de árvores frondosas.

Há também quadras esportivas, um canto para firulas radicais, ciclovia, um imenso espaço repleto de brinquedos coloridos dedicados às crianças, além de uma famosa trilha que proporciona aos turistas ou nativos caminhar da mata para a praia mais bela da ilha em pouco menos de vinte minutos, a passos contemplativos.

Tenho um corpo delgado, café pingado, desprovido de maiores atrativos. Meu rosto triangular torna-se quase andrógino quando prendo os cabelos lisos no alto da cabeça e escondo os fios petróleo debaixo de um boné confiscado dos meus filhos.

Completando a montagem, óculos escuros e agasalhos folgados de moletom são capazes de me transformar num macho até que bem sedutor, provocativo, exótico.

Costumo fundir a cabeça de muitos pernetas que se sentem atraídos por mim quando desfilo minha corridinha rudimentar pelo Parque da Paz. Adoro encarar suas interrogações.

Eu sou mulher, homem ou uma mistura alienígena?

* * *

Num dia esfumado a exalar uma rotina mortal, navegando e clicando em lojas escalafobéticas, esbarrei meu olhar incrédulo na minha tão aguardada salvação.

Encomendei um “kitbofe” composto por cola especial de secagem rápida, pincelzinho, luvas, manual em orientês e inglês, e dezenas de falsos bigodes e cavanhaques castanhos e negros aparentemente produzidos com fios naturais.

O pacote, bem discreto, chegou intacto no prazo de uns dez dias logo após a compensação do boleto bancário. Por sorte, eu estava sozinha em casa, longe dos olhares curiosos das minhas três crias e livre de interrogatórios e sarros e dúvidas excruciantes.

Ignorando os hieróglifos impressos no folheto nada explicativo, *#partibanheiro* a fim de realizar uma variedade de experimentos hilariantes e assim transformar minha aparência angelical num convincente exemplar de garanhão depravado.

Após novecentas tentativas, fiquei satisfeita com o resultado verossímil.

Escondida sob os pés da nova identidade, arquitetei minha sorte para enfim realizar a fantasia que carrego comigo desde os dezesseis: “comer” um cu colorido!

* * *

A fauna furta-cor batia tamancos todos os dias, a qualquer hora, no canto sul do Parque da Paz. Era muito fácil identificá-los. Sacramentando uma descrição que não existia, todas caçavam todos no mesmo ponto do mapa, bem no começo da trilha.

Eu já havia reparado que na baixa temporada, logo nos primeiros minutos noturnos, uma vez laçada a presa ideal, ela era conduzida até o labirinto verdejante que culminava na paradisíaca praia de Gobsun. Tempos depois aprendi que era lá que as “meegas” transavam livremente com qualquer Pica, até altas horas de um novo amanhecer, sem jamais serem incomodadas pelas autoridades pingantes ou demais moradores – *cof, cof!* – ilibados. Território sagrado no seio do Proibido.

Eu sabia miríades da conduta alegre por causa de Jonas, um divertidíssimo fisioterapeuta supergay que cuidava da minha filha (enfurnada na casa da minha sogra) ao menos duas vezes por semana.

Monika havia sofrido um destrambelhado acidente de moto que paralisou parcialmente os movimentos da sua perna esquerda, daí a necessidade de medicamentos e massagens e contorcionismos específicos para a bendita reabilitação muscular.

Tudo embalado ao som da Madonna, é óbvio :)

* * *

O dia do Grande Desafio chegou.

Como de costume, saí de casa por volta das cinco e pouco da tarde para curtir meu doce momento de ligeira liberdade. Ocultei meus apetrechos selecionados e prontos para uso imediato numa bolsinha escondida por baixo da blusa de moletom.

Chegando ao parque, corri até um banheiro feminino pouco utilizado nos dias de semana. Sentindo-me “a” profissional, montei meu rosto de Comedor em angustiados dez minutos. O resultado? Maravilhoso!

Aguardei a secagem da máscara.

Olha daqui, olha dali, saí radiante para a primeira caçada.

Não deu nem tempo de esquentar meu traseiro no estratégico banco de madeira escolhido a instinto, pois uma borboleta espalhava purpurina na minha periferia, consumindo-me com um olhar do tipo “*pelamordedeus... eu preciso DAR pra você AGORA!*”.

Sua cara fina e branca de falsa menina-moça estampava a esperança de ser arrebatada por um novo macho carrancudo, sem estribeiras. No instante preciso, bastou atirar-lhe um olhar bem treinado para que ela viesse saltitando em minha direção, babando orgulho por causa da Sorte Grande.

Até que minhas poucas aulas de teatro praticadas na juventude resultaram em pantomimas bem realistas. Eu estava me saindo muito bem, obrigada!

Debutei uma expressão de poucos amigos quando Borboleta pousou ao meu lado. Ela iniciou o papo com uma saraivada de clichês universais: Você vem sempre aqui? Qual é o seu nome? Quantos anos você tem? Faz o que da vida? Tem namorado? Você é Ativo ou Passivo?

Eu queria explodir em gargalhadas ao ouvir a voz fanhosa característica das – como Jonas me ensinou – Quaquás.

Quase pus tudo a perder. Para não liquidar meu disfarce, permaneci muda e séria o tempo todo, pigarreando e indicando que eu estava sem voz por causa de qualquer coisa estranha a travar minha garganta rústica!

Borboleta fez que acreditou. Fixando o olhar verde-musgo na minha fina aliança que gritava um dourado delator, era patente que ela estava acostumada com a horda de Enrustidos casados a frequentar aquele clube tarimbado.

Tomando todas as iniciativas, Borboleta tocou de leve na minha coxa esquerda, insinuando sua mão a procurar algo impossível. Cumprindo o roteiro “sou tímido, é a minha primeira vez”, bloqueei o caminho do seu destemperado.

Por intuição animal, levantei-me decidida e atrai Deslumbrada para a famosa zona das pegações eternas. Sozinhas nas laterais da mata fechada, ela procurou meus

lábios. Correspondi, sentindo o gosto eucalipto de uma boca que beijava muito mal. Foi um custo fugir das suas investidas contra a parte baixa do meu corpo.

Eu havia amarrado vinte quilômetros de faixas em volta dos seios, moldando meu peitoral de um jeito tão espartilho que muitas vezes me faltava toda qualidade de ar. A mistura de desespero, medo, culpa homérica, vontade e satisfação plena ao realizar minha tão aguardada maneira correta de foder despejou dez toneladas de adrenalina na minha vagina e boca e orifícios orvalhados, gerando um invólucro agressivo que não fazia parte da minha atual personalidade.

Um gesto brusco e sobrenatural das minhas mãos excitadas rodopiou aquela bambee esquelética, boquiaberta, assustada. Puxei com estupidez o calção que cobria uma bunda branca desprovida de boa carne. Abri as luminosas nádegas defumadas pelo vapor ofegante a escapar das minhas narinas vulcânicas, até revelar um ponto rosáceo piscando no meio alvo.

Sem pensar ou pesar, meti minha língua naquele orifício – graças ao meu São Benno! – limpo e perfumado.

De tão indescritivelmente feliz, chupei, chupei, chupei aquele cu como se o mundo fosse acabar dentro de vinte e três segundos. Borboleta vibrava e sufocava a histeria do seu êxtase com uma das mãos. Com a outra, ela passou a se masturbar de um jeito frenético, apertando sua vareta minúscula contra o saquinho pelado e rugoso.

Envolta no mais profundo preconceito macholístico, senti orgulho ao imaginar que meu dedo indicador era bem maior do que aquele sexo griterizado.

Bastaram dois minutos de gemidos e gritinhos e um “aiii, que tuuudooo essa língua!” insuportável para que a vaca da Realidade golpeasse minhas faces avermelhadas, arrancando-me da festa debutante.

Fim do Primeiro Ato. Abandonei o transe da transa, deixando minha vítima redescobrir o prumo por si só. Escapei do Vale dos Verdes Pálidos. Corri para o batbanheiro-fantasma. Certificando que ninguém havia captado meus rastros, entrei João Estupidão e saí Maria Imaculada.

Na segurança do lar, cansada e extasiada, passei longo tempo debaixo do chuveiro a me tocar num frenesi incorreto, recordando a irresponsável aventura.

Algo de Dr. Jekyll e Mr. Hyde ganhou forma em meu ser agora deflorado. Eu ria sem parar, em sufocado silêncio, imaginando-me no lugar daquela borboleta histérica que não parava de inundar meus doze sentidos.

Envolta em espumas amornadas, envergonhada e decidida; orgulhosa pela primeira vitória e chorando incertezas, gozei em descompassos.

Impecável crochê, abundância de espuma acrílica e um largo elástico bem reforçado. Com tais ingredientes artesanais à mão, criei minha própria versão anabolizada de uma *jockstrap* estonteante, inflada por um sagrado recheio luxurioso.

* * *

Céu fechado. Possibilidades abertas.

Nova caminhada. Nova cobaia. Novos delírios.

Um platinado tanquinho de (velha) guerra foi escolhido durante meu sorteio egoísta. Roçamos nossos olhares gulosos já no meio da vereda afrodisíaca.

Despachando roteiros batidos, descobri que o lindinho era professor de dança. Ele fez questão de afirmar que pela primeira vez estava passeando pelo parque com a intenção de relaxar e, quem sabe, conhecer alguém legal disposto a engatar um namoro.

“Ah... tá!”, soltei um indisfarçável desacordo.

Sem controlar a ansiedade diante do Carne Nova aqui, ele não parava de falar!

Eu permaneci calada e séria.

Mesmo esquema. Mata fechada. Coloquei minha presa rente a um tronco despedaçado e me esbaldei em lambidas, chupadas, cusparadas e mordidas.

Num rodopio interminável, engoli bunda e pau e bunda e pau e bunda até ficar zozna. Entediado com o rodízio, ele perguntou se eu tinha camisinha. Fiz um “não” com a cabeça, voltando a engolir seu cogumelo. Ele implorou para me comer: “Me deixa colocar só a ponta, vai!”. Não deixei. Ele pediu para beijar meu cacetão. Ofertei mais uma negativa.

Desenxabido, ouvi um impaciente “então enfia dois dedos no meu rabo até eu gozar”. Acabei enfiando três.

Dançarino explodiu entre murmúrios forçados, passando a mão melecada nas laterais dos ressecados lábios entreabertos.

Saí voando mais uma vez, deixando o tonteado debulhando suas frustrações num monólogo emputecido.

Um silvo afetado rasgou a senda telúrica. Vazando minha indiferença em passos rápidos, acho que ouvi improperios sobre a minha santa mãezinha.

Após recuperar meus restos no camarim fedendo a pinho, reencarnei na minha vidinha sem sal...

... bem na hora de escolher qual seria a composição do próximo jantar.

* * *

Mais um dia chocho. Mais uma deliciosa colheita.

Ignorando minhas (outras) atividades físicas, gastei boa meia hora apreciando o vai e vem de volumosas carnes ou gravetos rebolantes no supermercado dos escapes.

Cafuçu ficou me encarando, sem tomar coragem para promover maiores contatos de um sexto grau.

Por que a maioria dos gays adora fazer essa maldita linha “mamãe, eu juro que sou virgem” durante o breve ritual de uma pegação sorrateira?

Ah, bom, havia um detalhe: já que eu aprendi o Código Número Um, eu acarinhava sem cessar a minha linda mala axloroseana.

Os movimentos sobre o recheio encantava os passantes. Eu sentia um orgulho sem fim do meu “vinte centímetros, mole”, acompanhado de um bem moldado sacão, ambos acobertados por uma reforçada boxer vermelha oculta pelo acinzentado moletom.

Cansada do vai ou não vai, arrisquei uma aproximação, cumprimentando-o com firmeza, engrossando a voz ao máximo, tentando camuflar a minha farsa mal lapidada. Monossilábico e arrastado, levou meio século para ele me dizer que era aprendiz de mecânico de barcos, morava com a mãe e tinha vinte e um anos.

Confesso que sua beleza natural e a postura de menino tímido me seduziram de imediato.

Apesar da sensação estranha que se abateu sobre mim por alguns instantes – foder com aquele rapaz era como transar com o meu filho mais velho –, a vontade de consumir aquele Delírio Maior bem moldado gritou, imperativa.

Sem mais delongas, resolvemos curtir atrás do esqueleto de um navio abandonado, marco turístico cravado no meio da praia de Gobsun.

Ele queria me chupar de qualquer jeito. Desviei de todas as tentativas. Ficamos nos beijos selados, enquanto minhas mãos ágeis promoviam maravilhas na sua bunda rochosa. Num vacilo meu, ele tocou no meu “sexo” fofinho. E não se tocou de toda molenga armação. Ufa!

Sentindo-me cada vez mais confiante, reconheço que era muito divertido ser “o” Ativo!

Aquela energia que me tornava estúpida e selvagem voltou quintuplicada.

Numa rasteira digna de Chan Kong-sang, praticamente enterrei o rosto do caipira na areia, ao rotacioná-lo para o meu prazer.

Cuspi, lambi e penetrei o rabo granito do Inexperiente diversas vezes com meus dedos trôpegos, até ele implorar para que eu “desse um tempo”.

Durante nova virada de frango, não pedi permissão e engoli até os bagos da vara rechonchuda do Assustado.

O soro de um primário creme de leite deu as caras em profusão, inundando minha boca com o gosto suave de uma alma ainda inocente.

Apática, dessa vez fiquei a postos apreciando a recomposição alheia. Moreno juntou os trapos e meio decepcionado por não ter sido devidamente enrabado, deixou-me plantada na areia ácida, sem me presentear com um simples adeus ou um fingido “me liga, a gente se vê”.

Encostada na madeira secular, apreciando a despedida do sol, aproveitei o resto da minha solidão para curtir o ácido sabor da minha própria essência entristecida.

* * *

A chuva havia castigado a ilha naquela sexta-feira.

Mesmo assim, viciada na minha brincadeira, resolvi sair.

Six curtia a folga do seu estágio. Escarrapachado no centro da sala, ele aproveitava o tempo inexato para superar seus recordes num jogo barulhento de matança desenfreada.

Meu filho ficou impressionado com minha dedicação à atividade física, quando me viu passar como um tufão entre sala e cozinha, em direção à porta dos fundos.

Mochila trezentos gramas. Adrenalina em quinhentos volts.

* * *

Iniciei minha batida pernada até a zona de infames batalhas.

No famoso banheiro-esconderijo, certificando-me que a cola prendia com segurança os novos bigode e cavanhaque, respirei fundo e encarei a garoa muito fina, correndo à caça de mais um gay para satisfazer os meus dramas.

Escolhi um novo ponto de observação.

Vinte minutos voaram. Eram poucos os atletas amadores que se dispunham desfilarem o físico empapado perante a chorosa Mãe Natureza.

Meu radar detectou um urso com cara de porco a alongar o corpanzil roliço, apoiando as mãos em uma cansada araucária que impunha dignidade.

Acaricieei minha piroca artificial. Ele empinou a bunda maciça, indicando-me com um sinal trêmulo que eu deveria segui-lo folhagem adentro.

Pig Peluda sumiu no interior de uma densa salada de lâminas serrilhadas. Enfrentei boa dose de dificuldade para encontrá-lo nas entranhas daquele verde lustroso.

Ao desvencilhar-me das armadilhas naturais, uma clareira surgiu à minha frente e uma circunferência desproporcional, pelúnica e – dependendo do ângulo e do

humor – convidativa materializou-se diante dos meus caramelados olhos vítreos, assimétricos, contaminados.

Inspirando rispidamente, sem perder tempo, deslizei minha língua nas laterais das coxas parrudas e do rabo cabeludo, engolindo fios de seda até sufocar o céu da minha boca maravilhada.

Ressabiada, levando um puxão de orelha do Bom Senso, me abstive de lambe aquele buraco-quase-uma-buceta meio suspeito. Desferi minhas dentadas somente nos contornos do tapete felpudo.

Pig Peluda urrava, gemia, rebojava e soltava no ar alguns provérbios sem nexos.

Achei tudo muito forçado da parte dele. Mesmo assim, continuei minha sagrada e hipócrita representação dramática, injusta, descartável.

Lambendo nádegas que cheiravam a sabonete de quinta categoria, de repente o arroubo virulento que me impulsionava para tais atos insanos atingiu o ápice nas palmas das minhas mãos meladas.

Deslocando um timbre monstruoso, exigindo que o urso não olhasse para trás, estapeei aquele universo de decaídas carnes emaranhadas em grosso sisal.

Meus tabefes, agarros e mais tapas; minhas dentadas cada vez mais profundas e os gemidos teatrais daquela montanha de pelos que se comportava como um submisso profissional cegaram de vez a minha ilógica machista.

O espancamento deu lugar a arranhadas colossais. Vias expressas de sangue surgiram dos ferimentos provocados por minhas unhas manicuradas, robustas, curtas, afiadas.

Toda vez que ele ousava olhar para trás, ganhava socos bem demarcados do seu Dominador. Os horrores guturais mantinham-no escravo ao meu prazer e ordem e direção dos fatos.

“Ai, meu macho. Isso, assim, meu fodão. Arranha-me, seu puto, me bateeee!!!”, ele gritava em grave falsete.

Fiz um tremendo estrago nos fundilhos daquele cara que não parava de soluçar e gemer e pedir mais salpicadas humilhantes.

Dedos esquerdos entravam e saíam do orifício besuntado em cuspe, suor e bosta. Dedos direitos bailavam na minha racha alucinada, enquanto eu lambia as laterais seguras daquele rabo todo estropiado.

Abduzidos para outros infernos, cuspimos praticamente juntos; ele depositando sua amarelada goma espessa sobre as folhas mortas espalhadas pelo chão e eu lambuzando minha perolada calcinha e meu agasalho de moletom azul-escuro, todos nós desconjuntados.

Cansei das minhas singelas diabruras.

Meses se passaram até eu verter coragem para dar o segundo passo.

* * *

Frotz assistia pela enésima vez a um filme protagonizado pelo Dolph Lundgren.

As crianças iam pousar na casa da minha sogra, após curtirem a agitação de uma balada da moda em um novo clube recém-inaugurado em Lovland.

Finalizado o ritual do banho, eu escovava os dentes quando repentinamente decidi arriscar a última cartada.

Dúvidas que precisavam ser sanadas. Aqui. Agora!

Redescobrimo esconderijos, encontrei meu “kitbofe”. Escolhi um dos bigodes que eu ainda não havia utilizado.

Com nova fuça de macho latino, entrei no meu quarto e separei uma calça e uma camisa do meu marido. Eu queria compor o visual perfeito.

As roupas ficaram largas e soltas sobre a minha tábua bronzeada; porém, o resultado final certamente arrancaria palmas de um júri *xVideos*.

Diante do espelho, ajeitando um chapéu panamá, ofereci uma piscadela e um selinho para a imagem cativante.

Flutuando sobre o piso de madeira, acariciando meu chiquérrimo bigodinho, entrei sorrateira na sala, colocando-me bem montada logo atrás da poltrona do papai.

Pra variar, Frotz cochilava, como sempre fazia diante da tevê após vinte e oito minutos cronometrados.

Rociei meus pelos chineses no seu pescoço germânico. Meu marido despertou sobressaltado. Incrédulo, ele encarava a ousadia apresentada. Sem palavras, que foram bloqueadas com a ponta dos meus dedos gélidos em seus lábios secos, busquei um beijo de olhos bem abertos.

Frotz, nervoso e patético e deslocado, fugia estremecido das minhas investidas.

“Que mer... da é essa?”, ele gaguejava, coçando as retinas desfocadas, corpo cintilando em calafrios.

Eu não abri a boca, só investi no olhar.

Quando ele se deu conta da nova realidade, passou a rir da minha patacoada, afundando-se cada vez mais na poltrona, desesperado com o teor da minha, digamos, insanidade.

Abri a camisa social na altura do coração acelerado, expondo o seio esquerdo que ele tanto amava.

Belisquei a ponta do mamilo, enquanto minha língua safada alisava os fios delicados da minha taturaninha atrevida.

Por um milagre, o provinciano homem pacato entrou na farra, arremessando seu oponente até o canto direito do sofá, buscando avidamente minha boca revestida com a piaçava gourmet.

Meus seios miúdos foram apalpados por mãos isentas de cérebro. Os bicos foram mordidos, lambidos e cheirados com uma fome fora do comum.

Aloucada, pela primeira vez em nossa vida de casados avancei o sinal sem pedir licenças e engoli de uma só vez o pinto torto do meu renovado marido, sem que ele precisasse mamar minha xereca por obrigação contratual.

Mesclados no Absurdo, não acreditávamos no que estava realmente acontecendo.

Frotz transpirava em niágaras, buscando a sobrevivência que fugia dos seus pulmões saturados de nicotina.

Atônito, muito além dos seus próprios limites, meu provedor verteu seu líquido precioso na minha cuia escancarada.

O sabor era agradável enquanto fumegante. E boa parte foi devolvida para sua circunferência rachada durante um raivoso beijo, forçando-o a sentir seu próprio gosto pela – eu queria muito acreditar! – primeira vez.

* * *

Um minuto de descanso.

“Você é louca!”, ele balbuciou ao pé do meu ouvido, todo trabalhado na sensibilidade e submissão.

“Ainda não acabou, seu tolo!”, sussurrei atrás das suas faces arroxeadas, revelando minha sétima personalidade autoritária.

Minha renovada vitalidade sexual retorceu aquele urso polar que eu conhecia tão pouco... do avesso.

Meu delicioso Maricas entrou em pânico quando forcei a abertura das suas douradas pernas grossas e enfiei de vez a minha cabeça na sua – eu queria muito, muito, muito acreditar! – virgindade.

Com toda arrogância da minha aura marombada, travei seus braços para evitar um possível contra-ataque.

Minha língua, teleguiada pelo aflito calor irradiado daquele círculo repleto de pregas acuadas, derrubou todas as barreiras que me separavam de um deleite outrora proibido.

Frotz gemia num delírio libertador e aos poucos abriu as comportas, dissipando a tensão dos músculos inferiores e interiores.

Um (não mais) desconhecido êxtase inundou nosso microcosmo particular. Chafurdei o centro da terra. Minha mão direita promovia um belo serviço no meu

rasgo triunfante. E quatro combatentes salivados da mão esquerda ampliavam o buraco carmim do meu alvo marido boquiaberto.

Entre gemidos e suspiros, gozei como jamais havia gozado em todas as existências.

Vitrificado após o bombardeio, como a proferir um mantra em loop: “Você é a minha Corinto”, Frotz balbuciava, sonolento e zozzo, enquanto alisava meu desgrenhado bigode artificial parcialmente descolado.

Não sei de onde ele tirou esse nome, mas adorei a sonoridade.

Em conchinha, dormimos agarrados num dos cantos da sala fora de esquadro. A ponta do meu dedão permaneceu enfiada nas redondezas doloridas e alegres e pulsantes do meu amado (ainda) incrédulo.

Assumimos uma fantástica maneira de retalhar o entediante invólucro comum e corrente da nossa cama. Papéis trocados. Preconceitos desfigurados. Energias sádicas a metralhar nossa mediocridade.

Eu vivi o que era ser o Outro. Mas havia muito a aprender através de uma dedicada prática constante conduzida pelo Novo.

Frotz seria minha. Corinto seria seu.

Ou quase isso.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**